

CAMINHAR À MARGEM: UM CANAL DE COMUNICAÇÃO COM A CIDADE

OTÁVIO GIGANTE VIANA¹; EDUARDO ROCHA²

¹Universidade Federal de Pelotas – otaviogv@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Uma ideia vaga sobre o espaço de análise do corpo vivo da terra. Esta poderia ser uma síntese da proposta apresentada como projeto de pesquisa em arquitetura e urbanismo na linha do urbanismo contemporâneo. A pesquisa acontece no caminhar através do objeto de interesse, compreendido como o encontro entre o tecido urbano da cidade de Pelotas e a margem do canal São Gonçalo. Krenak (2022) fala da escuta dos cursos d'água como um exercício de observação crítica da cidade, tendo em vista que estes sempre atraíram os assentamentos humanos em todas as partes do globo, atendendo as condições básicas para a agricultura, permitindo o deslocamento “embora faça tempo que as pessoas tenham decidido ficar plantadas nas cidades”.

A paisagem possui uma estrutura que incorpora um significado, e é na compreensão deste significado que o homem é capaz de habitar sobre a terra (NORBERG-SCHULZ, 1980). O presente resumo trata das ações iniciais da pesquisa de mestrado em desenvolvimento que se propõe a aplicar o método da caminhografia como ferramenta de análise espacial.

O trabalho pretende tratar da enunciação presente nos corpos que compõem a paisagem, o ambiente natural e construído. “Tudo é rastro vestígio ou fóssil. Toda a forma sensível, desde a pedra ou a concha, é falante.” (RANCIÈRE, 2009). Guattari (2012) irá se referir às construções que compõem o espaço urbano como “máquinas enunciativa” que “produzem uma subjetivação parcial que se aglomera com outros agenciamentos de subjetivação”.

Nas palavras de Velloso (2018), “[...] construir o pensamento sobre a vida urbana a partir da visibilidade, isto é, pelo que dão a ver vestígios, cicatrizes, superposições, incompletudes, frestas”. A pesquisa tem por objetivo caracterizar a relação entre o tecido urbano e o canal através da produção de mapas cartográficos desenvolvidos a partir de registros realizados ao caminhar através do campo, tendo o percurso como forma narrativa. A pesquisa pretende explorar a metodologia da caminhografia aplicada sobre o lugar escolhido.

2. METODOLOGIA

A cartografia surge como princípio de um trabalho pensado a partir do conceito de rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995), onde os mapas audiovisuais são as componentes do sistema composto pelo trabalho que apresentam uma coerência entre si e separadamente apresentam uma coerência interna própria, se comportando como rizomas cuja aderência do conjunto é reforçada pela relação construída na fundamentação teórica através do trabalho dissertativo, estrutura arborescente que se ramifica nas diversas referências do desenvolvimento metodológico. “O cartógrafo, imerso no plano das intensidades, lançado ao aprendizado dos afetos, se abre ao movimento de um território” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 74). O arquiteto-urbanista-cartógrafo-caminhante, imerso no tecido urbano, lança-se sobre a margem do canal dotado de

equipamentos de registro em busca da “escrita muda”, descrita por RANCIÈRE (2009) como a potência de significação inscrita nos corpos. ROLNIK (2016) espera do cartógrafo um mergulho nas intensidades de seu tempo, sendo sua tarefa “dar língua para afetos que pedem passagem”. O trabalho está inserido na pesquisa de desenvolvimento metodológico da caminhografia urbana¹. Assim a pesquisa se dividirá em procedimentos coexistentes e simultâneos, visto que o método cartográfico ocorre como um processo contínuo que é revisitado a partir dos acontecimentos de campo.

O caminhar é compreendido como procedimento metodológico da cartografia, sendo simultaneamente “ato perceptivo e ato criativo, que ao mesmo tempo é leitura e escrita do território” (CARERI, 2013, p. 51). A pesquisa compreende o caderno de campo como os registros produzidos em diversas mídias, considerando a portabilidade de aparelhos digitais de uso cotidiano que possibilitam a produção de tais registros. A análise e edição destes registros possibilita a produção de mapas audiovisuais de caminhografia, compostos por perspectivas acessíveis ao pedestre buscando produzir uma ilustração do espaço na escala humana.

O ato de registro em imagens digitais no reconhecimento do ambiente urbano é enfatizado no caminhar como gesto de encontro e distanciamento entre objeto e o observador que busca enquadrar os enunciados presentes no corpo da paisagem. ENTLER (2012, p. 142) aborda o caráter impreciso e falível da memória humana, afirmando que buscamos nas formas de representação que nos cercam o preenchimento de lacunas e aponta para o registro fotográfico como produtor de um discurso “poroso, permeável às intenções com as quais é confrontado”. Já DUBOIS (2007), leitor de Walter Benjamin, afirma que a fotografia se destaca entre as artes da imagem por estar ao mesmo tempo o mais perto possível do objeto representado, sendo a impressão luminosa a sua emanção física direta, e mantendo uma distância absoluta do objeto o colocando em um objeto separado, evidenciando o princípio de distância onde Benjamin localiza a noção de aura de uma obra de arte. “A aura seria assim o próprio efeito dialético saído da tensão entre o longínquo e o próximo” (DUBOIS, 2007, p. 311). Este espaço entre observador e objeto observado a distância se torna definido no ato de “tradução sobre tela” de uma paisagem (CONTE, 2020). A narrativa audiovisual possibilita adicionar uma escala de duração aos mapas, demonstrando as transformações e deslocamentos na paisagem através do tempo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O deslocamento através do tecido urbano buscando o encontro com o canal se dá na exploração de percursos que possibilitem o acesso a pé até a margem. Observa-se nestas caminhadas uma diversidade de relações existentes entre a cidade e este corpo d’água. Ao lado da ponte que dá acesso ao município de Rio Grande encontra-se um assentamento localizado junto ao Clube de Caça e Pesca Santa Bárbara. Passando por debaixo da ponte, caminhando por uma pequena via trilhada em meio a vegetação e atravessando o trilho da linha férrea encontra-se uma estação de tratamento de esgoto e um obstáculo para a continuação do percurso pela margem do canal. O acesso da Casa de Bombas Zona Sul ao centro da cidade se dá pelo prolongamento da Rua Anchieta, por

¹ Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>

onde penetra-se no tecido urbano para contornar o Terminal Logístico da empresa Sagres até que o caminhógrafo tenha mais uma vez o corpo do canal em perspectiva no prolongamento da Rua Alberto Rosa. Neste percurso é produzido um primeiro mapa audiovisual do entorno do quarteirão onde um terreno público é cercado por muros de concreto pré-moldado (Figura 1) ao lado de um campo de futebol.



Figura 1 - Quadro extraído do mapa audiovisual e link de acesso. Fonte: do autor, 2023.

Costeando a doca utilizada por embarcações militares e pesqueiras, construída neste ponto da margem e conhecida como *Quadrado*, e seguindo o sentido de deságue do canal é possível caminhar até o muro do porto através da região denominada *Doquinhas*, assentamento caracterizado por autoconstrução sobre a margem do canal. Deste lugar onde as construções à margem se projetam efetivamente sobre o canal (Figura 2), em estruturas sobre palafitas, é produzido um segundo experimento de mapa.

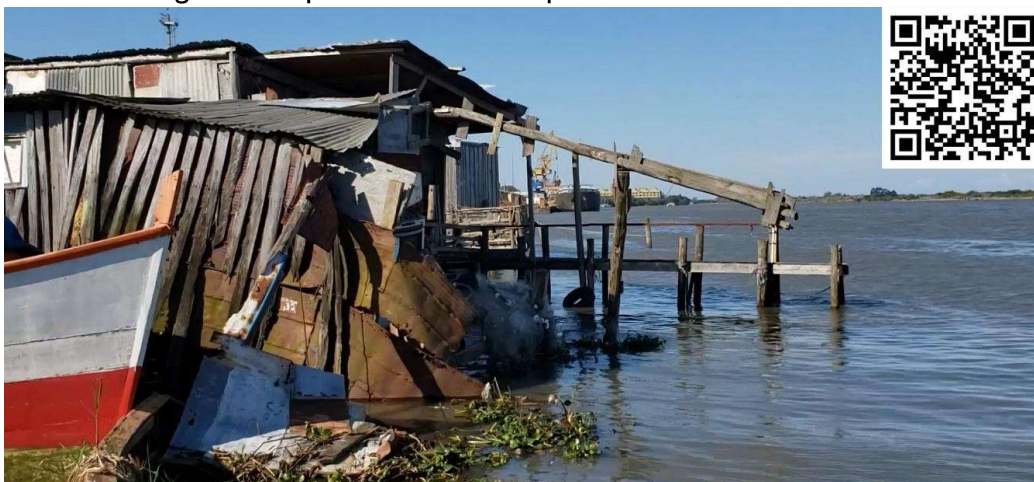


Figura 2 - Quadro extraído do mapa audiovisual e link de acesso. Fonte: do autor, 2023.

A edição dos registros audiovisuais remonta o espaço percorrido como uma sequência de instantes, permitindo expressar o caráter instável e efêmero da forma urbana e da paisagem. O mapa audiovisual é lido como um agenciamento de enunciação (GUATTARI, 2012), resultante da relação corpo espaço que ocorre

no trabalho de campo. Os perceptos (DELEUZE; GUATTARI, 1992) registrados narram a experiência do corpo caminhante em interação com o percurso.

4. CONCLUSÕES

O caminhar como metodologia de investigação é a ação do corpo do pesquisador indo ao encontro do objeto de pesquisa. As sensações, afecções e transformações percebidas neste encontro se fazem perceptos no ato de registro. Registrar também determina uma relação entre corpo e espaço. Esses registros tratados como dados da enunciação do corpo da cidade construído sobre o ambiente natural nos permitem desenvolver formas outras de ler e escrever o e sobre o espaço, explorando as formas narrativas digitais, tão presentes na contemporaneidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- CAMINHOGRAFIA URBANA. **Caminhografia**. [S.l]. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>> Acesso em: 20 set. 2023.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. 1. ed. São Paulo: G. Gili, 2013.
- CONTE, Verónica. Colour and art shaping contemporary landscape dimensions. In: **AIC Midterm Meeting Color And Landscape**, Buenos Aires, 2019. Anais eletrônicos. Buenos Aires: Grupo Argentino del Color e International Colour Association, 2020. Disponível em: <<https://aic2019color.wordpress.com/proceedings/>> Acesso em: 4 de julho de 2023.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Vol. 1.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 10 ed. Tradução: Mariana Appenzeller. Campinas: Papirus, 2007.
- ENTLER, Ronaldo. Um pensamento de lacunas, sobreposições e silêncios, In: SEMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose**: Um novo paradigma estético. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci**: Towards a Phenomenology of Architecture. New York: Rizzoli, 1980.
- RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- VELLOSO, Rita. Pensar por constelações. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (org.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: tomo I - modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018.